



Manuel Heleno

**Monte Real (Leiria), 11 de
novembro de 1894;**

Lisboa, 25 de agosto de 1970

Manuel Domingues Heleno Júnior nasceu em Monte Real, (Leiria), em 1894, vindo a falecer em Lisboa em 1970.

O seu percurso académico e profissional é simples e linear desde Julho de 1923 a Novembro de 1964, iniciando a sua carreira universitária como Assistente provisório de Arqueologia da Universidade de Lisboa, sob proposta de José Leite de Vasconcellos (JLV), (que teve uma influência decisiva na sua fulgurante ascensão académica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) em regime de acumulação com o cargo de Conservador do Museu Etnológico e de Professor efectivo do Ensino secundário (Liceu de Passos Manuel).

Em Julho de 1930 foi contratado como Prof. Auxiliar da FLUL, o que, por inerência, lhe conferia a direcção do ME, substituindo assim definitivamente JLV, atingido no ano anterior pelo limite de idade para o exercício de funções públicas.

Academicamente, e até à sua jubilação, ocorrida em 10 de Novembro de 1964, lecionou diversas disciplinas, como Paleografia e Numismática, Arqueologia, Epigrafia, História de Portugal, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa. Destas, apenas manteve ao longo dos anos esta última disciplina, a par da de Arqueologia, a que se somou, a partir de meados da década de 1950, a de Pré-História.

Em Julho de 1933 prestou provas de doutoramento na Universidade de Lisboa, com a tese “Os Escravos em Portugal” de que não foi publicado o segundo volume. Trata-se de uma obra inovadora, com uma temática até então quase ignorada em Portugal.

A sua síntese de 1956, “Um quarto de século de investigação arqueológica” constitui o mais prodigioso repositório de informação alguma vez reunido por um único arqueólogo trabalhando deliberadamente de forma isolada. Em todos os principais períodos da história humana abrangidos no seu tempo pela Arqueologia (A Arqueologia Medieval e de épocas mais recentes não era então valorizada), M. H. prestou relevantes contributos, por via de intervenções arqueológicas por si realizadas em estações-chave do território português. Assim, no respeitante ao Paleolítico superior e à sua transição para o Mesolítico, as escavações efectuadas no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior comprovaram a ausência de influências africanas, na época invocadas por eminentes pré-historiadores, como Mendes Corrêa, e além fronteiras, H. Obermaier e Bosch-Gimpera, que admitiam a transposição do estreito de Gibraltar por populações de caçadores-recolectores do final do Plistocénico (Capsense, Aziliense), depois dispersas pela Península Ibérica.

Quanto ao Megalitismo, coube a M.H. a demonstração da sua antiguidade, considerando como origem possível o centro interior e o norte do território português, a par da sua origem ocidental, afastando-se da doutrina orientalista então muito em voga. Bastava este contributo, com base nas escavações de cerca de 300 dólmenes no Alentejo central e ocidental, a que procedeu na década de 1930, para o colocar na galeria dos pré-historiadores europeus de primeiro plano do seu tempo.

No que respeita à Arqueologia Histórica são de referir as escavações realizadas no Cabeço de Vaiamonte, bem como as efectuadas na cidade industrial romana de Tróia, que tiveram o seu contraponto no interior do território, com as explorações realizadas na *villa* de Torre de Palma, indispensáveis para o conhecimento da economia a um tempo mercantil e agrícola da Lusitânia romana.

Muitas outras intervenções arqueológicas de primeira importância de M.H. poderiam ser referidas, como as que conduziu nos concheiros mesolíticos do vale do Sado.

Manuel Heleno foi sem dúvida o mais activo e eclético arqueólogo do seu tempo, e de longe o melhor informado de todos eles.